

Dor, micropoder e resistência no conto “Duzu-Querença”, de Conceição Evaristo

*Pain, micropower and resistance in the short story
“Duzu-Querença”, by Conceição Evaristo*

Valmir Lobato Leal

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

valmirleal@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-4758-9469>

Nathália da Costa Cruz

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

nathalia.cruz@ifpa.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-9773-2165>

RESUMO

Este estudo analisa o conto “Duzu-Querença”, de Conceição Evaristo (2016), destacando as relações de micropoder como dispositivos de controle social. Examina como as dinâmicas de opressão e resistência se manifestam no cotidiano das personagens e como a pobreza e a exclusão social estão representadas na obra. Para tanto, são utilizados os conceitos de micropoder (Foucault, 2014; 2021); necropolítica (Mbembe, 2018); poder simbólico (Bourdieu, 2018); resistência na literatura (Bosi, 2002; Candido, 2006) e a ideia de escrevivência (Evaristo, 2008). A partir de uma abordagem sociológica da literatura, baseada na leitura crítica do conto, conclui-se que as opressões sofridas pela protagonista foram decisivas para a manutenção de seu lugar enquanto sujeito subalternizado, e evidenciam sua resistência a partir da sutileza de pequenas ações.

Palavras-chave: literatura negra; resistência; escrevivência.

ABSTRACT

This study analyzes the short story “Duzu-Querença” by Conceição Evaristo (2016), highlighting micropower relations as mechanisms of social control. It examines how dynamics of oppression and resistance manifest in the characters’ daily lives and how poverty and social exclusion are represented in the work. To this end, the concepts of micropower are used (Foucault, 2014; 2021); necropolitics (Mbembe, 2018); symbolic power (Bourdieu, 2018); resistance in literature (Bosi, 2002; Candido, 2006) and the idea of escrevivência (Evaristo, 2008). From a sociological approach to literature, based on a critical reading of the story, it is concluded that the oppressions suffered by the

protagonist were decisive in maintaining her place as a subordinate subject, and evidence her resistance through the subtlety of small actions.

Keywords: black literature; resistance; escrivência.

INTRODUÇÃO

De acordo com Candido (2006, p. 23), a literatura é “a manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”. Nesse viés, entende-se que a literatura é uma necessidade humana e um instrumento de participação social, haja vista que, por meio dela, ecoam as vozes da identidade, da cultura e dos costumes de um povo. Embora a literatura não tenha compromisso direto com a realidade, por ser uma obra de ficção, não obstante, ela é capaz de dar voz aos anseios e às manifestações de determinado grupo e transcender do factual para narrativas de opressão e resistência; ela pode ainda, segundo Bosi (2002), ser o lugar em que tal resistência se faz imanente à escrita.

Dessa maneira, neste estudo, toma-se, como ponto de partida, a obra literária de Conceição Evaristo como um instrumento de análise do texto contemporâneo que surge como um instrumento de resistência contra as opressões sociais. A escritora mineira, por meio de seus contos e romances, dá voz aos marginalizados e oprimidos (Bosi, 2002) e evidencia as estruturas de micropoder (Foucault, 2014) na sociedade atual, a partir da escrita-denúncia de suas narrativas.

Conceição Evaristo, escritora afro-brasileira, desponta como uma das vozes da literatura deste tempo que, em suas obras, aborda o limiar da condição humana: a pobreza, a subalternidade, o racismo e a exclusão social. Em *Olhos d'água*, coletânea publicada em 2016, vencedora do Prêmio Jabuti, na categoria conto, a autora reúne contos que permeiam as vivências da população afro-brasileira e dá destaque a essas situações adversas. A linguagem simples e direta cativa o leitor pela aproximação que as histórias mantêm com os fatos do cotidiano, em uma áurea marcada por finais infelizes e melancolia, os quais favorecem a reflexão acerca dos problemas estruturais da sociedade. Com efeito, o livro tem sido alvo de constantes debates.

Nesse contexto, esta análise pretende se debruçar nas relações de micropoder estabelecidas entre as personagens do conto “Duzu-Querença”, presente em *Olhos d'água*, por considerar-se que elas apontam para um modo de resistir silencioso, o qual

se realiza em pequenos gestos. Para tanto, destaca-se as principais relações de micropoder entre as personagens do conto, examinando de que maneira as dinâmicas de opressão e resistência se manifestam em seu cotidiano, evidenciando também como a pobreza e a exclusão social estão representadas na composição da obra.

É fato, no entanto, que a abordagem das mazelas sociais não é novidade na literatura brasileira – *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, entre tantas outras que se destacam na vitrine dos cânones literários nacionais também trazem no bojo de suas narrativas as questões sociais. E, embora façam isso de maneira significativa, percebe-se a unilateralidade com que tais temas são tratados.

Da mesma maneira, *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, *O caso da Vara* e *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis, também abordaram substancialmente as opressões sociais, apesar de não receberem o mesmo reconhecimento que os autores brancos e pertencentes à classe dominante. Segundo Candido (2006), por muito tempo, o cânone abrigava as narrativas sob o ponto de vista da classe dominante, outrora composta por homens, brancos, e que detinham uma narrativa hegemônica acerca dos fatos sociais.

Por essa razão, o texto de Conceição Evaristo diferencia-se dos demais, porque há uma confluência entre a sua escrita e sua própria vida. Nele, além do conceito de “escrevivência”, cunhado pela própria autora, o qual consiste na premissa de que suas obras afloram a partir de suas experiências pessoais como mulher negra (Evaristo, 2008), há também a representatividade da literatura periférica, destinada à representação das literaturas advindas das minorias sociais (Rosa; Guedes; Leite, 2019).

Candido (2006) corrobora esse pensamento ao afirmar que a literatura também tem como função a valorização da expressão cultural e das vozes das comunidades marginalizadas. Bosi (2002), na mesma medida, destaca que a literatura é capaz de contestar as estruturas de poder vigentes e que a escrita é imanente ao ato de resistir contra as opressões sociais, políticas e culturais.

Nessa perspectiva, Bosi (2002, p. 135) afirma que “a literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente”. Desse modo, a literatura periférica questiona as estruturas de poder que moldam o cânone literário e inaugura

novos modos de representação, nos quais a experiência vivida torna-se central na construção da narrativa.

Embora Foucault (2014) e Candido (2006) tenham, como ponto de partida de suas perspectivas, tradições teóricas distintas – o primeiro, do pós-estruturalismo francês e, o segundo, da crítica literária humanista –, ambos convergem ao reconhecer a literatura como campo de disputas simbólicas. Diante disso, Foucault (2014) enfatiza que as relações de micropoder atravessam o cotidiano e Candido ressalta que as manifestações humanas estão imbricadas na literatura. Essa tensão entre estrutura e agência é retomada por Bosi (2002), o qual afirma que a resistência literária age como gesto ético de restituição da dignidade dos seres humanos e como instrumento subversor do poder disciplinar (Foucault, 2014).

Por mais que Candido (2006) e Bosi (2002) reconheçam a literatura como esse espaço de valorização da dignidade humana, deve-se ressaltar que ambos partem de pressupostos díspares. Candido (2006) ancora-se em uma tradição crítica, voltada à função social da literatura como bem cultural, enquanto Bosi (2002) propõe uma leitura que enfatiza a resistência como gesto ético e como resposta aos mecanismos de dominação. Essa diferença, no entanto, não inviabiliza o diálogo entre eles, mas amplia as possibilidades de leitura sobre como a literatura pode ser, ao mesmo tempo, denúncia e enfrentamento das opressões sociais. Logo, a tensão entre o humanismo de Bosi (2002) e Candido (2006).

Destarte, por mais que os autores mobilizados neste estudo partam de perspectivas teóricas diferentes – a exemplo do pós-estruturalismo francês (Foucault, 2014; Deleuze, 1992), da crítica literária humanista brasileira (Candido, 2006; Bosi, 2002) e da sociologia simbólica (Bourdieu, 1998) –, opta-se por reunir essas perspectivas como forma de lançar múltiplos olhares sobre a obra de Conceição Evaristo. Nesse sentido, a análise proposta considera as tensões epistemológicas entre essas abordagens como potencialidades que, ao dialogarem, permitem constatar as camadas complexas de opressão e resistência presentes na narrativa. Trata-se, pois, de um atrelamento teórico que busca abarcar a densidade social, política e simbólica na obra de Evaristo.

Nessa perspectiva, enquanto Bosi (2002) e Candido (2006) defendem a literatura como espaço ético de humanização, Foucault (2014) enfatiza as relações de poder que constituem o próprio sujeito. Essa tensão entre humanismo e desconstrução do sujeito

enriquece a análise, pois permite ler Duzu tanto como vítima de estruturas (Foucault, 2014) quanto como agente de resistência ética (Bosi, 2002).

Desse modo, ao resgatar as vozes silenciadas e dar visibilidade a subjetividades historicamente marginalizadas, a produção literária de Evaristo desafia os discursos hegemônicos e propõe novas formas de pertencimento e identidade. Assim, a palavra literária assume um caráter político e social, reafirmando a potência da literatura como um instrumento de resistência e transformação.

Nesse sentido, o enfoque nas relações de micropoder amplia a análise da obra da autora. Em geral, estudos acerca dos textos de Conceição Evaristo têm se concentrado nas grandes estruturas de opressão, como a pobreza, o racismo, o patriarcado, e a consequente exclusão social, que evidenciam o macropoder do Estado. E, não obstante, o micropoder está contido na sutileza do cotidiano e a análise desse fator tem potencial para ampliar esse escopo analítico.

Quanto ao objeto em tela – “Duzu-Querença” –, o enredo apresentado pela autora contempla os objetivos elencados neste trabalho. Duzu é uma mulher de personalidade bem-marcada, moldada pelas adversidades da vida. O conto é ambientado em um cenário de miséria e sofrimento e, ao mesmo tempo, de resistência e dignidade. A protagonista vive no morro, um espaço marcado pela exclusão social, pela desigualdade e, na mesma medida, pela resistência cultural de seus marginalizados.

O conto, dessa maneira, descortina uma realidade já conhecida da mulher negra, oprimida pelo sistema patriarcal e racista. A narrativa, nesse sentido, destaca a materialização das heranças do passado escravocrata e o cotidiano de quem as vive plenamente. Tais circunstâncias favorecem a análise interpretativa e temática a partir da concepção de que a narrativa não se limita ao sofrimento em si, mas aponta elementos cruciais que também permitem vislumbrar a sutileza do ato de resistir às opressões.

Dessa forma, a metodologia de caráter sociológico é uma via eficaz para identificar, analisar e interpretar os fenômenos sociais a partir do texto literário ficcional. Acerca disso, Candido (2006, p. 21) afirma que “não convém separar a repercussão da obra de sua feitura, pois sociologicamente ela só estará terminada quando encontrar ressonância, visto que a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo”.

Na esteira dessas considerações, para realizar esta análise, foram traçados os seguintes passos metodológicos: leitura da obra *Olhos d'água*; seleção do conto; levantamento bibliográfico e de documentação digital; fichamentos temáticos e aplicação do conceito de micropoder. O cerne desta análise está em destacar, a partir de trechos do conto, como as opressões, as humilhações e a marginalização vivida pela personagem se constituem como micropoderes nas relações cotidianas que realizam a manutenção das desigualdades sociais, as quais permeiam a materialização da resistência na narrativa literária.

A partir desta introdução, os títulos das seções deste estudo correspondem a citações diretas do conto analisado. Essa escolha tem como objetivo estabelecer um diálogo direto entre a análise e a narrativa, destacando fragmentos significativos da obra que sintetizam as relações de dor, micropoder e resistência vivenciadas pela protagonista.

“HABITUOU-SE À MORTE COMO UMA FORMA DE VIDA”

A dor é um elemento central nessa narrativa de Evaristo (2016). Esse sentimento é o produto das opressões vividas por Duzu, como a pobreza, o racismo e a exclusão social. Ao longo de todo o conto, a personagem experimenta a dor em diferentes momentos de sua trajetória de vida, intercalando-a com momentos de resistência. Nessa perspectiva, entende-se que a dor, ao refletir as experiências de opressão, marginalização e resistência, torna-se um elemento político e social que permeia as relações de poder.

A autora aborda a dor não apenas como uma experiência individual da personagem em questão, mas a reflete coletivamente, ao evidenciar, mediante o micropoder, as estruturas sociais injustas. É o processo de escrevivenciar as narrativas contra-hegemônicas que se cruzam nos limites entre o real e o ficcional. Nesse viés, segundo Evaristo (2008, p. 30):

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais.

Duzu, nesse sentido, carrega em seu corpo as marcas de uma longa trajetória de exclusão e exploração. A dor sentida pela personagem, como resultado do abandono, da desigualdade social e da desvalorização de vidas negras, é também produto político da manifestação do macropoder do Estado. Não é apenas uma experiência individual, mas parte significativa de uma questão política maior, que envolve exclusão e negligência.

“Habituar-se à morte como uma forma de vida” (Evaristo, 2016, p. 34) é, portanto, no silêncio da vida cotidiana, uma forma de resistência. Duzu resiste ao não ser totalmente aniquilada pela dor que lhe é imposta pelas relações de micropoder dos laços interpessoais. A resistência, nesse viés, mesmo quando está invisível ou não o suficientemente expressa, é uma forma de combate ao sistema opressor (Foucault, 2014). Assim, o texto de Evaristo (2016) é capaz de refletir não somente a vivência individual, mas um amalgamado de experiências de exclusão social vividas pela população brasileira subalternizada, representada no conto. E tal dor também reverbera a experiência coletiva de seus leitores.

No entendimento dessas considerações, a dor vivida pela personagem é um produto da ação contínua de mecanismos de micropoderes que atuam na sua existência de forma cotidiana e invisível. Desse modo, segundo Foucault (2014), entende-se que a marginalização racial, de gênero e de classe não é apenas exercida pelo macropoder do Estado, a partir da herança política de contínua desigualdade social, mas por uma rede complexa de microrrelações de poder que atravessam o cotidiano, a vida comum. Na vida da personagem, a pobreza, o racismo, o abandono e a exclusão social, elementos constitutivos da sua dor, manifestam-se em pequenas exclusões e violências cotidianas.

De acordo com Foucault (2014), o poder não está concentrado apenas em instituições formais, como governos ou polícias, mas permeia as interações sociais, os corpos, os comportamentos e as interações. Nessa perspectiva, no conto, Duzu é fruto de uma teia de micropoderes exercidos em seu ambiente social desde a infância, a partir das normas sociais que moldaram a sua vida. A dor experimentada pela personagem é resultado direto da ação desses micropoderes. Assim, a *Microfísica do Poder* (Foucault, 2021) envolve o controle sutil dos corpos a partir da disciplina e da normatização, por meio de diferentes práticas sociais.

A partir disso, entendemos que a dor física e emocional vivida pela personagem é uma manifestação desse poder em sua mente e em seu corpo (Foucault, 2014), seja pelo trabalho extenuante na infância, seja na falta de cuidado e no consequente abandono familiar ou pela solidão imposta pela sua marginalização enquanto sujeito, a qual ocorre porque sua existência é constantemente atravessada por situações que a desumanizam, relegando-a a um estado de invisibilidade social.

Nesse sentido, sua subjetividade é construída pela imposição de um lugar subalternizado no tecido social. Sobre esse aspecto, Evaristo (2008) enfatiza que a escrevivência se trata de uma construção coletiva que dá voz às experiências silenciadas, sobretudo das mulheres negras. Essa escrita, para a autora, busca provocar reflexões e inquietações que possam evidenciar as marcas da desigualdade social e racial. Portanto, o sofrimento de Duzu reflete a maneira como o seu corpo se torna o lugar onde o poder é exercido (Foucault, 2014) e as consequências disso são sentidas diretamente.

Embora a dor de Duzu seja resultado do micropoder opressor, a personagem também encontra formas de resistir. Para Foucault (2021), o poder é sempre acompanhado por atos de resistência. No entanto, essa resistência não se expressa de forma explícita na personagem, mas acontece na sutileza e nas pequenas formas que ela encontra para resistir. Segundo Foucault (2014), a resistência não é necessariamente uma revolta aberta, mas pode ocorrer de maneiras discretas, no cotidiano, nas pequenas ações que desafiam a ordem socialmente imposta.

No caso da personagem, a sua sobrevivência, seus vínculos afetivos e a forma como resiste às opressões e ressignifica o sofrimento são exemplos de resistência aos micropoderes que a oprimem:

[...] entendeu o porquê de tantas mulheres e tantos quarto ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixa-la estudar. E entendeu também qual seria sua vida. É, ia ficar. Ia entrando-saindo sem saber quando e por que parar (Evaristo, 2016, p. 34).

Ela encontra formas de resistir dentro das próprias condições de opressão. Bosi (2002, p. 134) corrobora isso ao afirmar que, na literatura:

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico.

Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições.

Por conseguinte, ao longo do conto, Duzu não apenas sobrevive à dor da fome, do abandono, das diversas violências, mas, de certa forma, as supera. Ao resignificar seu sofrimento e continuar sua vida, apesar das condições opressivas, como a situação de rua, ela desafia o controle que o poder tenta exercer sobre seu corpo e sua mente. A sua capacidade de encontrar significado na dor e de transformá-la em resistência subverte a lógica do poder que busca disciplinar e subjugar os corpos marginalizados.

Dessarte, a abordagem de Foucault (2021) acerca do corpo, da sexualidade e do poder é fundamental para se compreender, em Duzu-Querença, como um fenômeno político e social, como a dor advinda da constante exclusão social, surge das interações cotidianas de opressão. A dor vivida pela personagem é resultado de relações de poder que controlam e disciplinam seu corpo e sua vida, mas também representa um exercício de resistência. Duzu subverte essas relações de micropoder, mostrando que o poder não é absoluto e que sempre há possibilidades de resistência.

Ainda que Foucault (2014) tenha sido o principal e mais influente teórico a sistematizar o conceito de micropoder, é possível associar outros estudos a esta análise para visualizar como os mecanismos de controle das instituições sociais (Estado, Igreja, família etc.) se manifestam em diferentes contextos sociais. Eles podem ser entendidos como as diferentes formas pelas quais a sociedade em geral regula os corpos e suas subjetividades. Trata-se, portanto, de normas que regulam o comportamento dos sujeitos, delimitam seus espaços, seus discursos e seus juízos de valor.

De modo complementar, Deleuze (1992) ampliou a perspectiva foucaultiana ao discutir as chamadas “sociedades do controle”, nas quais os dispositivos de micropoder não apenas disciplinam corpos, mas modulam comportamentos e subjetividades de maneira contínua. Deleuze (1992, p. 219) afirma que “o controle não se define mais por uma localização fixa, mas por uma modulação contínua, o que sugere que o poder se adapta e se transforma de acordo com os contextos sociais”.

Em “Duzu-Querença”, nessa perspectiva, esse controle é visível na forma como a sociedade regula o corpo e a presença de Duzu nos espaços públicos, buscando modulá-

la como um corpo indesejado. Nesse contexto, a personagem, como sujeito marginalizado, exemplifica esse controle ao carregar no corpo as marcas da exclusão social.

Para Deleuze (1992), o poder se manifesta menos por coerção explícita e mais pela imposição de normas internalizadas que restringem a liberdade do sujeito. Ao viver na rua e ser constantemente observada com desprezo, Duzu sofre esse controle sutil, que busca regulá-la e delimitá-la como um objeto indesejado no espaço público, como se pode ler na passagem a seguir:

Duzu olho no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou até mais adiante, se afastando dos outros mendigos (Evaristo, 2016, p. 31).

Outrossim, Mbembe (2018), ao desenvolver o conceito de necropolítica, aprofunda essa questão ao demonstrar como certas populações são relegadas a um estado de morte social. O trecho que intitula esta seção reflete com precisão essa ideia. Duzu não apenas vive em condições de extrema precariedade, mas também ocupa uma posição em que sua vida é desvalorizada pelo próprio sistema que a oprime. Logo, a marginalização de sua existência demonstra que, para determinadas populações, a vida se torna um espaço de resistência frente à lógica necropolítica do Estado.

Diante disso, Mbembe (2018, p. 11) aponta que “a soberania reside no exercício do poder sobre a vida e a morte”. Essa lógica se manifesta claramente na vida de Duzu, que, ao se habituar à morte como uma forma de vida, incorpora a realidade imposta pela necropolítica, a qual relega à condição de morte social certos corpos que acabam sendo desprovidos de direitos e dignidade.

Deve-se destacar, entretanto, que a noção de Foucault (2014) acerca do micropoder, a qual conduz o foco das instituições para as práticas cotidianas de controle, dialoga, mas não se confunde com a Necropolítica de Mbembe (2018). Dessa forma, compreende-se que Foucault (2014) analisa como o poder se exerce sobre corpos vivos e Mbembe (2018) radicaliza ao discutir como determinadas populações são relegadas ao estado de morte social. Essa dualidade é exemplificada pela personagem Duzu ao longo

do conto, pois sua condição de subjugada ocorre tanto pela disciplina dos gestos (Foucault, 2014), quanto pela negação sistemática de sua humanidade (Mbembe, 2018).

Nesse sentido, é possível evidenciar que, para Foucault (2014), o poder se exerce através da gestão da vida, enquanto Mbembe (2018) enfatiza que, nas periferias globais, o poder opera substancialmente através da gestão da morte. É nessa compreensão que está inserida a narrativa de Duzu, pois enquanto Foucault (2014) explica seu controle cotidiano, Mbembe (2018) permite observar o motivo de sua existência ser sistematicamente relegada à morte social.

Bourdieu (1998), por sua vez, em sua abordagem sobre poder simbólico, enfatiza que os dominados nem sempre respondem à opressão por meio de confrontos diretos, mas por meio de pequenas estratégias de resistência no cotidiano. Assim, entende-se que a maneira como Duzu desafia os olhares de reprovação e sobrevive em um ambiente que constantemente tenta apagá-la pode ser lida como uma forma de resistência simbólica.

Para Bourdieu (1998, p. 7), “a violência simbólica é uma violência suave, insensível, invisível para suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente através dos caminhos puramente simbólicos da comunicação e do conhecimento”. Logo, a forma de resistência da personagem é uma contraposição a essa violência simbólica, pois Duzu desafia diariamente a invisibilidade e a marginalização, reafirmando sua presença e identidade.

Ademais, embora Foucault (2014), Mbembe (2018) e Bourdieu (1998) compartilhem da abordagem acerca das estruturas de poder, urge mapear as divergências em suas perspectivas. Foucault (2014) enfatiza o poder como rede capilar e produtiva, enquanto Mbembe (2018) destaca que o poder necropolítico é uma decisão soberana sobre quem pode viver ou morrer. Bourdieu (1998, p. 15), em contrapartida, critica ambos ao argumentar que o poder simbólico opera através da “violência suave”. Mesmo com a tensão entre a biopolítica de Foucault e a Necropolítica de Mbembe, aplicá-las nesta análise teve como objetivo situar as distintas camadas de opressão e resistência que envolvem a personagem Duzu.

Butler (2020, p. 104), em complementação, assevera que “os corpos nunca cessam de resistir às normas que os restringem”. No caso de Duzu, seu corpo feminino, negro e periférico pode ser considerado como um espaço onde as normas sociais tentam exercer seu domínio, mas ela encontra maneiras de subverter essa lógica. É possível entender,

nesse sentido, que a existência de Duzu, por si só, e sua recusa em desaparecer, aliada à sua capacidade de se ressignificar, já se configuram como formas de resistência que desafiam as estruturas de micropoder. Assim sendo, tais conceitos que permeiam o micropoder nesta análise permitem visualizar que a dor da personagem não é apenas um reflexo individual, mas um produto de relações de poder que disciplinam corpos, impõem normas e delimitam existências.

Para além de Foucault (2014), a intersecção com os conceitos de Deleuze (1992), Mbembe (2018), Bourdieu (1998) e Butler (2020) validam a compreensão de como a opressão sobre a personagem não é apenas física, mas também simbólica e estrutural. No entanto, mesmo inserida nesse contexto, a trajetória da personagem revela que há sempre meios possíveis de resistência, ainda que ela se manifeste de forma silenciosa e sutil.

“ERA PRECISO DESCOBRIR UMA NOVA FORMA DE LUDIBRIAR A DOR”

Partindo da égide dos conceitos apresentados, é necessário fazer uma imersão na narrativa de Evaristo (2016) para ratificar de que forma a dor, o micropoder e a resistência se cruzam e se realizam a partir da vida de Duzu. Ao longo de todo o conto, a relação da mendiga, prostituta e periférica encapsula uma dinâmica entre poder e resistência que se desenrola no nível mais cotidiano, envolvendo gestos, olhares e expectativas sociais, conforme se vê no trecho a seguir:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. *Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho* (Evaristo, 2016, p. 33, grifo nosso).

Essa cena exemplifica como o micropoder se manifesta nas menores interações do cotidiano, por meio de comportamentos e olhares. Segundo Foucault (2014, p. 154):

O poder não se localiza nas mãos de alguns, não é uma coisa, uma mercadoria que se possa apropriar; ele se exerce, dissemina-se, organiza-se em relações. Ele é um conjunto de ações sobre ações, pois governa condutas, manipula corpos, controla gestos, dirige comportamentos.

Nesse sentido, o homem, representante simbólico da classe social dominante, enxerga a mendiga como algo fora de lugar, um corpo indesejado no espaço público, que deve ser evitado, subalternizado e marginalizado. Por conseguinte, o olhar de repulsa é aqui entendido como uma tentativa de afirmar a norma social que desumaniza a pobreza. Tal olhar é um micropoder que reafirma a hierarquia entre o homem e a mendiga, a personagem Duzu, mulher em situação de rua.

Não obstante, é possível perceber como o asco expressado por ele atua como uma forma de controle social, ao sinalizar que a presença dela é incômoda e desafia a norma socialmente aceita. Logo, apenas com o olhar, o homem exclui Duzu não apenas fisicamente, mas simbolicamente, relegando-a ao invisível social.

Por outro lado, em réplica imediata, a zombaria no olhar da mendiga é uma forma de escrivência (Evaristo, 2020). Ao recusar a passividade que o homem tenta lhe impor, seu olhar zombeteiro desafia as expectativas de submissão e, em vez disso, afirma sua própria agência diante do poder opressor que tenta marginalizá-la. Assim, o fato de ele apressar o passo revela que o poder, mesmo quando aparentemente dominante, pode ser instável. O temor de que Duzu se levantasse e interferisse no trajeto dele expõe e descortina a fragilidade de sua posição de poder.

De acordo com Foucault (2014), o poder nunca é absoluto, e o medo do homem revela o potencial de subversão da mendiga. Dessa forma, entende-se que “o poder não é uma instituição, e não é uma estrutura, nem certa força de que alguns são dotados: é o nome que se dá a uma situação estratégica complexa numa dada sociedade” (Foucault, 2014, p. 89).

Compreende-se, portanto, que a mendiga nem precisaria se levantar para desafiar o poder do homem, pois a simples possibilidade de que ela o faça já é o suficiente para desestabilizar a suposta autoridade masculina. O medo expresso por ele, dessa forma, reflete a tensão constante nas relações de poder, em que o oprimido pode, a qualquer momento, contestar o controle que lhe é imposto, ainda que de forma sutil e inesperada.

Em outro trecho, pode-se contemplar outra dinâmica de micropoder decisiva na manutenção das opressões na vida da protagonista:

Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem, podia. Só uma coisa ela não ia permitir:

mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! (Evaristo, 2016, p. 34).

Nesse trecho, tem-se a presença de D. Esmeraldina. Na narrativa, ela é a mulher que aceita abrigar Duzu para lhe oferecer trabalho e estudo. No entanto, Duzu conheceu apenas o trabalho. A mulher habitava em “uma casa grande de muitos quartos” (Evaristo, 2016, p. 32), e Duzu, ao longo do tempo que passou ali, teve sua vida e sua força de trabalho controladas pelas mãos da dona da casa de prostituição, que representa a estrutura de poder e a hierarquia social dentro da narrativa.

A fala de D. Esmeraldina evidencia o controle que ela tenta exercer sobre o corpo e a autonomia de Duzu, ainda criança. No contexto do conto, a mulher exerce seu micropoder ao tentar regular como a menina deveria se relacionar com os homens, transformando seu corpo impúbere em um campo de controle econômico e moral. Ao dizer que ela poderia “deitar como homem”, mas que “não ia permitir” que isso acontecesse sem sua supervisão, revela o interesse econômico e de poder por trás da relação de aparente cuidado.

A personagem transforma o corpo da menina em uma questão de controle sobre os lucros dessa exploração, empenhando o que Foucault (2021, p. 135) identifica como o laço entre disciplina e vigilância dos corpos, posto que “o corpo humano entra em um maquinismo de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também uma ‘mecânica do poder’, está sendo progressivamente posta em prática”.

Embora a fala da personagem D. Esmeraldina traga à tona a ideia de dominação da autonomia da menina, o conto, de forma geral, sugere que, em algum nível, Duzu pode exercer formas de resistência – não abertamente, mas em brechas, como na forma de subverter as regras impostas sobre ela. Duzu, ao desafiar implicitamente o controle da mulher, ao “ganhar dinheiro sozinha”, está exercendo um ato de resistência contra o controle econômico e corporal. Esse ato sugere uma subversão à lógica imposta e revela uma forma silenciosa de contestação. Mesmo em uma situação de subjugação, ela encontra maneiras de afirmar sua própria resistência, mesmo que em contexto de opressão.

Assim, é notável como a literatura é capaz de retratar a luta entre as forças de dominação e os marginalizados. Segundo Candido (2006, p. 113), “os conflitos sociais

expressos na literatura são, muitas vezes, a manifestação dos antagonismos de classes e valores que permeiam a sociedade”. A interação das personagens reflete esses conflitos sociais e de classe. A posição de D. Esmeraldina revela como as relações de poder não são estáticas.

Essas camadas de opressão demandam diferentes teorizações sobre resistência. Foucault (2021) a categoriza como inerente a todo poder, enquanto Mbembe (2018) destaca a dificuldade em resistir à maquinaria da morte. Bourdieu (1998), conseqüentemente, aborda que, para além dos atos visíveis de resistência, é preciso destacar como a dominação se reproduz através do *habitus*.

Diante dessa perspectiva, o texto de Evaristo (2016) funciona como meio para retratar as camadas de opressão a partir do micropoder, que vão além da dominação entre o homem, do início do texto, e reverberam para um cenário diferente – o controle de uma mulher sobre outra mulher em um contexto de subordinação e exploração trabalhista e sexual.

No caso da protagonista, depreende-se que sua exclusão social não é apenas resultado do racismo estrutural, mas também da forma como a pobreza e o patriarcado operam conjuntamente para restringir sua agência e direitos, pois sua escrevivência resiste tanto à disciplina foucaultiana quanto à necropolítica, sugerindo um ponto de articulação, por meio da narrativa literária, do que é conceitualmente distinto na teoria. Collins (2019), em adição, aponta que mulheres negras, por inúmeras vezes, enfrentam uma intersecção de opressões que as posiciona em um lugar de marginalização ainda mais severo do que aquele vivido por homens negros ou mulheres brancas.

A partir dessa perspectiva, depreende-se que a exploração de Duzu por D. Esmeraldina exemplifica o que Mbembe (2018) chama de “internalização da necropolítica” – quando os oprimidos reproduzem violências –, mas também ilustra o *habitus* bourdesiano, quando se observa a naturalização da hierarquia como “ordem das coisas”. Nesse contexto, a intersecção entre raça e classe (Collins, 2019) revela como o poder simbólico (Bourdieu, 1998) e a necropolítica (Mbembe, 2018) se entrelaçam. Sob essa ótica, Mbembe (2018) enfatiza a morte social e Bourdieu (1998) destaca como essa lógica é internalizada através do *habitus*, *naturalizando a violência simbólica*. D. Esmeraldina, nesse sentido, quando reproduz a opressão, exemplifica essa dupla camada, pois é agente da necropolítica (Mbembe, 2018) e produto do *habitus* (Bourdieu, 1998).

Com base nessa abordagem, é possível inferir que a relação entre Duzu e D. Esmeraldina ilustra como a opressão de gênero pode ser exercida dentro da própria comunidade marginalizada. Como exposto no trecho em que D. Esmeraldina impõe um controle sobre o corpo da menina, a narrativa evidencia como mulheres também podem reproduzir mecanismos de opressão quando inseridas em sistemas de dominação. Tais fatores dialogam com o que afirma Davis (2016), para quem a opressão patriarcal não é exercida apenas por homens, mas pode ser internalizada e perpetuada por mulheres que buscam sobreviver dentro dessas estruturas.

Dessa forma, Evaristo (2016), na construção da personagem, se alinha a uma tradição literária que denuncia as camadas múltiplas de opressão vividas por mulheres negras. A sua literatura, portanto, cria um espaço de resistência ao dar visibilidade a essas experiências silenciadas. Carneiro (2011) preconiza que a escrita de mulheres negras no Brasil é um ato político que desafia as narrativas tradicionais e reivindica um espaço de fala para a população historicamente marginalizada.

Dessarte, Duzu, ao longo do conto, transita por diferentes experiências de dor e exclusão, mas também encontra mecanismos para resistir a esse sofrimento. A expressão “ludibriar a dor” sugere um processo contínuo de resignificação do sofrimento, algo que a personagem realiza de maneira silenciosa e resiliente. Sua resistência não se dá por meio de enfrentamentos diretos, mas sim pela adaptação e pela criação de estratégias para contornar as imposições do micropoder que a circundam.

Nesse conto, Evaristo (2016) utiliza a escrita para evidenciar como os sujeitos subalternizados encontram formas de resistência em meio às opressões. Segundo Bosi (2002), a literatura pode ser um espaço de contestação e denúncia das estruturas de poder. A autora, por sua vez, emprega essa ferramenta para revelar que a resistência de Duzu está presente na maneira como ela desafia, ainda que de forma sutil, o papel que lhe foi imposto socialmente.

Um exemplo disso está na forma como a personagem se apropria dos espaços que ocupam seu cotidiano. Mesmo relegada à condição de mulher em situação de rua, Duzu não aceita a passividade imposta a ela. O simples ato de caminhar por determinados lugares, ocupar calçadas e praças, interagir com passantes e se afirmar presente, é um gesto de resistência contra a marginalização social. Ela se recusa a desaparecer, a ser

invisibilizada pelo olhar alheio. Nesse gesto, é possível identificar um enfrentamento à lógica do poder que a oprime.

Dona Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também. Criou fregueses e fama. Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas (Evaristo, 2016, p. 34).

Com efeito, a ressignificação da dor como forma de resistência também se manifesta na maneira como Duzu se relaciona com sua história. A escrita de Evaristo (2016) não a coloca como uma personagem passiva, mas ao contrário, como alguém que, mesmo diante das adversidades, constrói sua própria trajetória. Seu passado de exploração e abandono não a define por completo; longe disso, ele se torna parte de uma narrativa que a personagem reinterpreta para continuar existindo. Tal fator reforça a ideia de que, mesmo submetida a relações de micropoder, a personagem encontra formas de afirmar sua subjetividade.

Portanto, a resistência de Duzu pode ser compreendida como um processo dinâmico. Ela não insurge de forma evidente contra as forças que a oprimem, mas encontra espaços em aberto para afirmar sua existência. Essa resistência, silenciosa e cotidiana, exemplifica a complexidade das relações de poder descritas por Foucault (2014), que não se resumem à dominação e à submissão, mas também envolvem estratégias e contramovimentos que desafiam, ainda que sutilmente, as normas impostas. Logo, ao citar que “Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor” (Evaristo, 2016, p. 36), sintetiza-se a trajetória de Duzu, marcada por opressões constantes, mas também por suas estratégias sutis de resistência.

“SE AS PERNAS NÃO ANDAM, É PRECISO TER ASAS PARA VOAR”

O nome próprio de uma personagem, em literatura, não é um mero artifício identificador, mas um elemento que pode carregar simbolismos profundos e significados subjacentes. Em “Duzu-Querença” (Evaristo, 2016), a onomástica das personagens revela uma rede de significações que extrapola a narrativa individual e se insere em uma reflexão

mais ampla sobre identidade, resistência e continuidade. O nome composto Duzu-Querença não é fortuito – carrega, em si, o peso da trajetória da protagonista e o desejo que se perpetua na criança que a sucede:

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como (Evaristo, 2016, p. 36).

Nessa perspectiva, essa onomástica literária pode ser interpretada e compreendida à luz dos estudos acerca do valor simbólico dos nomes na narrativa ficcional. Segundo Silva (2024), os substantivos próprios, os nomes, em literatura, carregam sentidos simbólicos, afetivos e sociais que colaboram para a construção da identidade e da trajetória dos sujeitos ficcionais.

Com efeito, o nome “Duzu- Querença” opera como um dispositivo simbólico que permeia a trajetória de dor e resistência da personagem, e sua etimologia reforça sua carga simbólica. Baseado em Lopes (2003), Duzu, de origem banto (*Kudúza*, ‘Suportar’), faz referência à resistência física da personagem. Querença, por sua vez, do latim *quaerentia* – que significa busca ou desejo, projeta um futuro, uma continuidade da existência para além da dor. Conforme Tavares (2020, p. 45), na tradição afro-brasileira, “os nomes são cartografias de histórias silenciadas”. Essa dualidade entre suportar e buscar tem suporte na escrevivência de Evaristo (2008), na qual o ato de nomear é também um ato político de resgate e projeção. Destarte, Querença, a neta da personagem, herda, além de seu nome, o legado de resistência que desafia a lógica necropolítica (Mbembe, 2018), pois, se Duzu foi condenada à invisibilidade social, seu nome persiste como mecanismo que transcende seu apagamento enquanto sujeito. Portanto, a nomeação de Duzu-Querença, ao resgatar raízes africanas, descoloniza a linguagem, como aponta Tavares (2020), ao reinscrever na literatura nomes que carregam memórias de resistência contra o apagamento histórico.

Nesse contexto, “Duzu”, a personagem central do conto, carrega em seu nome uma sonoridade dura e curta, que ecoa a resistência de uma mulher forjada pela adversidade. O nome sugere a vivência de uma trajetória marcada pela exclusão e pela dor, mas também pela sobrevivência, ainda que nas margens. Já “Querença”, que se refere à menina que é neta de Duzu, ressoa desejo, apego, vontade – elementos que evocam um

anseio por continuidade e pertencimento. Assim, o nome da criança, ligado ao da protagonista, sugere, além de um laço de afeto e transmissão, a permanência da luta e da resistência, mesmo após a morte de Duzu.

Retomando a ideia de escrevivência (Evaristo, 2008), um conceito que transcende a simples narração ficcional e incorpora a experiência vivida, especialmente no que tange às subjetividades das mulheres negras e periféricas, é possível entender que o nome Duzu-Querença é, por si só, um ato de resistência – um testemunho de que a personagem principal não se encerra em si mesma, mas continua a existir no corpo e no destino da menina que carrega seu nome. Esse gesto rompe com a lógica de aniquilação imposta pelo sistema opressor e sugere uma permanência que desafia a precariedade da existência marginalizada (Bosi, 2002).

Na perspectiva foucaultiana, o poder se dissemina nas relações cotidianas e normatiza os corpos, impondo-lhes um controle que vai além das estruturas institucionais (Foucault, 2014). No conto, esse controle se manifesta nos micropoderes que regulam a trajetória de Duzu – desde a infância explorada por D. Esmeraldina até a exclusão da vida urbana, quando sua presença na rua é marcada pelo olhar de reprovação e desprezo.

Para Foucault (2014, p. 89), “o poder é exercido e se dissemina por meio das relações”. A partir disso, no conto, o controle social e a marginalização de Duzu não vêm apenas do Estado, mas das microrrelações diárias que moldam sua trajetória. Por isso, a narrativa permite contemplar que a personagem é constantemente vigiada e desumanizada pelo olhar social, um exemplo do poder disciplinar que regula corpos indesejados na esfera pública. Contudo, se o poder disciplina e normatiza, a resistência se impõe justamente na recusa de sucumbir a essa normatização. Duzu resiste ao afirmar sua presença, ao se apropriar dos espaços que lhe tentam negar e, principalmente, ao transmitir sua existência para Querença.

Mbembe (2018), ao discutir a necropolítica, argumenta que certos corpos são relegados a uma existência de morte social, em que sua vida vale menos ou é descartável pelo próprio sistema. Duzu se insere nessa lógica – mulher negra, pobre e em situação de rua, sua trajetória caminha para uma aniquilação anunciada. No entanto, ao nomear Querença, ela subverte esse destino. Se o sistema busca apagar a sua existência, ela responde perpetuando-se na criança, que se torna símbolo de um futuro possível, de um desejo que resiste ao apagamento.

Essa ideia encontra eco em Bosi (2002), que entende a literatura como espaço de resistência. A palavra, para o autor, pode contestar as estruturas de poder vigentes e oferecer um contraponto às forças que tentam silenciar os marginalizados. No conto,

Evaristo (2016) constrói essa resistência por meio da continuidade – ainda que Duzu desapareça fisicamente, seu nome e sua história permanecem vivas em Querença. A resistência não é apenas um ato individual, mas um movimento que se inscreve na coletividade e na memória.

Bourdieu (1998, p. 7) ressalta que “a dominação social se perpetua menos pela correção explícita e mais pela aceitação implícita de normas que moldam a percepção da realidade”. Com efeito, quando Duzu desafia a sua própria invisibilidade, seu corpo, que deveria estar silenciado pelo sistema, resiste ao ocupar o espaço público e, além disso, ao deixar sua marca na existência de sua neta Querença.

Evaristo (2008, p. 45) reforça essa noção ao afirmar que “a escrevivência não é para agradar, é para incomodar, inquietar, provocar”. Logo, Duzu deixa um testemunho de sua existência, pois sua escrevivência não se encerra em sua própria trajetória, mas é projetada para o futuro, resistindo através da criança que carrega o seu nome.

Candido (2006), ao tratar da função social da literatura, destaca que a ficção tem o poder de dar visibilidade aos sujeitos que são, muitas vezes, invisibilizados pelo discurso hegemônico. “Duzu-Querença” é uma narrativa que não apenas denuncia as violências sofridas pelas mulheres negras periféricas, mas também propõe um gesto de reexistência. Duzu vive em Querença não apenas pelo nome, mas pelo legado de sua luta cotidiana contra as estruturas que tentaram reduzi-la ao silêncio.

Por conseguinte, Deleuze (1992) afirma que as sociedades do controle modulam subjetividades e restringem a liberdade de maneiras cada vez mais sutis e imperceptíveis. No conto, Duzu desafia esse controle ao se recusar a desaparecer sem deixar vestígios. O ato de nomear Querença não é apenas um gesto afetivo, mas um ato político – é a afirmação de que sua existência, ainda que marginalizada, não será apagada.

Assim, quando Evaristo (2016, p. 32) escreve que “se as pernas não andam, é preciso ter asas para voar”, aponta para essa continuidade da resistência. Se Duzu não pode mais caminhar, seu nome, sua história e seu legado encontram asas em Querença. A narrativa, portanto, não se encerra na tragédia, mas abre uma possibilidade de permanência e transformação. Na ficção de Evaristo (2016), a resistência não se dá apenas

na insurgência aberta, mas também na sutileza da memória, da transmissão e do nome que se perpetua como semente de um futuro que insiste em existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise do conto “Duzu-Querença”, de Conceição Evaristo (2016), sob a ótica das relações de micropoder, permitiu compreender como a narrativa evidencia as dinâmicas de opressão e resistência vivenciadas por corpos subalternizados. Ao longo deste estudo, percebeu-se que a protagonista, Duzu, é atravessada por estruturas de poder que disciplinam, normatizam e marginalizam sua existência, mas, ao mesmo tempo, ela encontra formas sutis de resistência, reafirmando sua subjetividade.

Segundo a perspectiva foucautiana, o exercício do poder é acompanhado pelos atos de resistência. Nesse sentido, a trajetória de Duzu exemplifica essa dualidade. O micropoder, manifestado nos olhares de reprovação, na regulação do espaço público e na dominação de seu corpo por normas sociais, não é absoluto; ele é constantemente tensionado pelas pequenas formas de resistência da personagem. Essas formas, muitas vezes silenciosas, desafiam o sistema que a oprime, demonstrando que a literatura periférica não apenas denuncia as desigualdades sociais, mas também propõe novas formas de reexistência.

Mbembe (2018) contribui para a compreensão do lugar de Duzu dentro da lógica necropolítica, que relega certos corpos à condição de “vida descartável”. No entanto, sua história rompe com essa invisibilização ao nomear Querença, garantindo que sua existência ultrapasse sua própria trajetória. O nome da criança não é apenas uma herança simbólica, mas um ato de subversão contra o apagamento imposto pelo sistema ao perpetuar sua existência por meio de sua descendência.

Ademais, é perceptível, ao longo de toda a narrativa, como as relações de dominação e resistência estão bem estabelecidas, o que permite evidenciar o poder simbólico (Bourdieu, 1998) como uma ferramenta de perpetuação das desigualdades. O texto ilustra, dessa forma, como normas internalizadas e discursos sociais moldam a percepção do que é digno ou indigno de existir nos espaços urbanos. No entanto, Evaristo (2016) desafia essa lógica, por meio da escrivência presente no conto, ressignificando

a narrativa das mulheres negras periféricas e evidenciando suas estratégias de sobrevivência e resistência.

Assim sendo, este estudo evidenciou que a análise literária ganha densidade justamente no entrecruzamento das teorias mobilizadas. Se Foucault (2014) contribui para compreender os micropoderes que disciplinam o corpo e o cotidiano de Duzu, Mbembe (2018) evidencia a lógica necropolítica que relega à morte social, e Bourdieu (1998) revela como essas estruturas se naturalizaram no tecido simbólico das relações. Ainda assim, a literatura de Evaristo resiste a qualquer tentativa de redução teórica. Ao construir uma personagem que escreve-se no mundo por meio da escrevivência, a autora desafia o pessimismo de Mbembe (2018), aprofunda a noção foucaultiana de resistência e ultrapassa os limites do *habitus* boudersiano.

Assim, Duzu subverte a *Microfísica do Poder* (Foucault, 2021) quando ressignifica a dor por meio da escrevivência, pois sua existência é uma recriação de sentido que transcende a reação. Além disso, confronta a necropolítica (Mbembe, 2018), quando se recusa à morte social, e ultrapassa o *habitus* (Bourdieu, 1998), ao desnaturalizar hierarquias. A literatura, nesse sentido, não se limita a ilustrar conceitos: ela os desafia, os tensiona e os expande.

Portanto, a escrita de Conceição Evaristo (2016), ao denunciar as violências estruturais que atravessam a vida de mulheres negras e periféricas, oferece um espaço de resistência e memória. A análise de “Duzu-Querença” permitiu perceber que a dor imposta pelo micropoder é um elemento de opressão e um ponto de partida para a construção de novas subjetividades. Dessa forma, reafirma-se a importância da literatura como um campo de disputa, em que as vozes historicamente silenciadas encontram um meio de ruptura e transformação por meio da escrita e das vozes marginalizadas.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres negras e o sexismo na cultura brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patrícia Hill. *Interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Escrivência: a escrita de nós. *Revista Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 36-42, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. “A Escrivência e seus subtextos”. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>.

Acesso em: 15 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

LOPES, Nei. *Dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROSA, Nicolas Pereira; GUEDES, Manoela de Quadros de Paula; LEITE, Maria Alzira. A literatura marginal periférica e o cânone literário. *Navegações*, v. 12, n. 2, p. e35099-e35099, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2019.2.35099>. Acesso em: 09 jul. 2024.

SILVA, Fernando Moreno da. Onomástica: Conceitos, classificações e propostas de estudo. *Revista de Letras Norte@mentos, Cárceres*, v. 17, n. 49, p. 307-324, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/rln.v17i49.12342>. Acesso em: 28 abr. 2025.

TAVARES, Júlio Cesar. *Nomes africanos: significados e resistência na diáspora*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2020.

Recebido em: 27/02/2025

Aceito em: 30/04/2025

Valmir Lobato Leal: atualmente é Revisor de Textos do Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré. Especialista em Linguagens e Artes na Formação Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (Campus Belém). É graduado em Letras – Português pela Universidade Federal Rural da Amazônia (Campus Belém). Atuou como Bolsista CAPES no programa institucional de Residência Pedagógica. Participou como Bolsista voluntário no PIVIC (programa voluntário de iniciação científica) em projetos de pesquisa nas áreas de crenças e atitudes linguísticas, Aquisição, Desenvolvimento, Processamento de linguagem e Psicolinguística Experimental. Tem interesse em estudar e pesquisar Literatura brasileira contemporânea com ênfase na literatura de autoria negra.

Nathália da Costa Cruz: doutora em Letras: Estudos Literários, pela Universidade Federal do Pará (2021). Mestre em Educação: Saberes Culturais e Educação na Amazônia, pela Universidade do Estado do Pará (2013). Licenciada em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade da Amazônia (2010). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas Culturas e Memórias Amazônicas (Cuma | Uepa) e do Grupo de Pesquisa Linguagens, Culturas, Tecnologias e Inclusão (Licti | IFPA), no qual coordena a Linha de Pesquisa de Memórias, Imaginários, Oralidades e Literaturas. Professora de Letras da Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA | Campus Castanhal). Escritora e Poeta, publicou: "De beija-flores e de chuvas: traços de uma mitopoética em Paulo Nunes" (Belém: Cromos, 2015); "H" (Marabá: LiteraCidade, 2016. 2 Lugar no Prêmio LiteraCidade de Poesia 2015), "À trois" (Belém: Fundação Cultural do Pará, 2017. Prêmios Literários da FCP 2016. Categoria Poesia) e "Madalena | Magdalena" (Bilíngue: Português | Espanhol. São Paulo: Kazuá, 2019. Menção Honrosa no I Prêmio Amazônia de Literatura. Organizou a I e a II "Antologia Rio Capim" (Belém: Folheando, 2019 e 2021). Foi uma das vencedoras do Prêmio Literário Dalcídio Jurandir 2019, da Imprensa Oficial do Estado do Pará, na Categoria Poesia, com o poema "cobaia".